

A aplicação do lúdico no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: um caminho didático-metodológico criativo

Agnes Luiza Fracasso da Cruzⁱ (UPM)

Letícia Nardiⁱⁱ (UPM)

Resumo:

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é um projeto criado pela CAPES, que concede aperfeiçoamento e iniciação profissional aos estudantes de licenciatura. Por meio desse programa, os futuros docentes podem vivenciar, na prática, situações de ensino-aprendizagem cotidianas do âmbito escolar. Assim como seus êxitos, também seus problemas são evidenciados e, para tanto, desenvolvem-se planos de aula, atividades lúdicas, projetos e elaboração de materiais de apoio ao docente. O programa é voltado para escolas da rede pública e seus participantes comprometem-se a sanar dificuldades diagnosticadas na turma com a qual trabalharão ao longo do ano. A partir desse contexto escolar, o grupo de graduandos desenvolveu um trabalho direcionado à disciplina Língua Portuguesa, focado nas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental II. Criou-se a proposta de trabalhar com gramática, dando ênfase nas dificuldades ortográficas, considerando os fatores sociais, culturais e históricos aos quais estão sujeitos os falantes da língua, a preterir a visão reducionista que faz da língua um amontoado de regras prescritas, de forma a contextualizar o educando às situações atuais vivenciadas, remetendo-o a um fato linguístico do qual a gramática ocupa-se de estudar, especificamente a ortografia, porém, por meio de propostas lúdicas. Foram trabalhadas com os alunos dificuldades ortográficas, como o emprego de x, ch, s, z, c, ç, l, u, ss, m e n, por meio de uma atividade em que, divididos em grupos, deveriam optar entre uma grafia ou outra e, se respondido corretamente, ganhavam um chute a gol. Pautados nessa premissa, buscou-se sanar questionamentos, interagir de maneira dinâmica e lúdica, a fim de que lhes fosse atribuído real sentido no dia a dia, além dos muros escolares, por tratar de algo corriqueiro de qualquer usuário que, vez ou outra, encontra-se perdido nesse uso. Como referencial teórico foram usados os pensamentos de Albuquerque (2006), Antunes (2007), Freire (2005), Roemmers (2011) e Santos (2008).

Palavras-chave: PIBID, ensino-aprendizagem, língua portuguesa, propostas lúdicas.

1 Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) concede aperfeiçoamento e iniciação profissional aos estudantes de licenciatura. Com esse programa, os futuros docentes podem vivenciar, na prática, situações de ensino-aprendizagem cotidianas do âmbito escolar. Assim como seus êxitos, também seus problemas são evidenciados e, para tanto, desenvolvem-se planos de aula, atividades lúdicas, projetos e elaboração de materiais de apoio ao docente.

O programa, iniciado em fevereiro de 2014, com graduandos de uma renomada instituição de ensino superior da capital paulista, efetivou-se em um escola da rede pública de ensino, localizada em um bairro próximo do centro da capital de São Paulo.

Assim, vinte participantes, divididos em três grupos, deram início à elaboração de práticas didático-metodológicas para serem aplicadas no ambiente da escola escolhida para participar do projeto, sendo que cada um dos grupos tinha uma proposta: o primeiro tinha como objetivo desenvolver questões para um melhor resultado no SARESP (avaliação oficial aplicada aos alunos da Educação Básica paulista); o segundo pautava-se no trabalho com dificuldades ortográficas e

gramaticais e o terceiro, por sua vez, buscava o desenvolvimento das habilidades de leitura, compreensão e interpretação textuais dos alunos, sendo que o objetivo deste artigo é tratar apenas do trabalho desenvolvido pelo segundo grupo.

2 O desenvolvimento do projeto

Partindo do contexto escolar vivenciado pelos alunos, o grupo de graduandos, incumbido de tratar de dificuldades ortográficas e gramaticais, desenvolveu um trabalho direcionado à disciplina Língua Portuguesa, focado no 7º ano do Ensino Fundamental II.

Considerou-se a proposta de trabalhar com gramática, dando ênfase nas dificuldades ortográficas, observando os fatores sociais, culturais e históricos aos quais estão sujeitos os falantes da língua, a preterir a visão reducionista que faz da língua um amontoado de regras prescritas, de forma a contextualizar o educando às situações atuais vivenciadas (ANTUNES, 2007), remetendo-o a um fato linguístico do qual a gramática ocupa-se de estudar, especificamente a ortografia, porém, de uma maneira lúdica e prazerosa.

3 O estudo da ortografia por meio do lúdico

Durante as aulas lecionadas pelo Grupo 3, trabalharam-se as dificuldades ortográficas que mais predominavam na escrita dos alunos, como o emprego de x, ch, s, z, c, ç, l, u, ss, m e n, por meio de diversas atividades e abordagens, a fim de que os alunos pudessem vivenciar vários métodos e aplicações, melhorando o desempenho e o aproveitamento em sala de aula.

Quanto às atividades, prezou-se que os alunos trabalhassem sempre em grupos para não só aprimorar o trabalho em equipe, como também os unir como uma turma escolar. Dessa forma, eles passam a habituar-se a conviver e a trabalhar com pessoas com quem têm pouco contato e que, talvez, não tenham certo grau de amizade, preparando-os para situações reais da vida profissional.

Sendo o jogo uma ferramenta que mobiliza esquemas mentais e que se caracteriza por, normalmente, propiciar prazer e esforço espontâneo, almejava-se criar propostas que absorvessem o aluno da Educação Básica de forma intensa, criando, em sala de aula, um clima de entusiasmo, de vibração e de construção de conhecimento.

De acordo com Ronca (1989, p. 27), “o movimento lúdico, simultaneamente, torna-se fonte prazerosa de conhecimento”, pois, por meio dele, o aluno “constrói classificações, elabora sequências lógicas, desenvolve o psicomotor e a afetividade e amplia conceitos de várias áreas da ciência”.

O objetivo era, portanto, produzir jogos sobre algum conteúdo gramatical e ortográfico nas aulas de Língua Portuguesa no 7º. ano do Ensino Fundamental II para que os alunos da Educação Básica experimentassem momentos de aprendizagem por meio de jogos.

Em uma dessas atividades, por exemplo, os alunos foram divididos em grupos e, em depois de uma decisão conjunta, deveriam optar entre uma grafia ou outra e, se respondido corretamente, ganhavam um chute a gol.

Introduziram-se, ainda, exercícios em que um grupo de alunos tinha de escrever, com determinadas letras do alfabeto, palavras que correspondessem à imagem; competição por meio de acertos de palavras; construções de textos com ênfase nos usos de x, ch, s, z, c, ç, l, u, ss, m e n; e ilustração de atividades com tirinhas que continham erros gramaticais, abreviações e gírias da internet, de forma que os alunos deveriam interpretar tais tirinhas, falar sobre o uso das expressões coloquiais e reescrevê-las na norma padrão da língua.

No caso das aulas de ensino de Língua Portuguesa, segundo Antunes (2007), o docente não pode, por exemplo, prender-se somente à língua do passado, considerando sempre a melhor forma aquela que era usada anos atrás. Atualmente, vários trabalhos publicados demonstram que é muito

mais adequado observar a linguagem realmente usada no dia a dia para se conseguir um parâmetro efetivo, a linguagem do cotidiano nas mais diversas situações de interação verbal.

A questão é que, infelizmente, vários docentes consideram as variações do dia a dia como algo negativo para a língua. Se os professores conseguissem repensar tal posicionamento veriam, por exemplo, que não há sentido algum utilizar padrões de certo e errado em casos de regência verbal que até mesmo estudiosos mais escolarizados já abandonaram.

É imprescindível atenuar a ideia de erro ou acerto em relação à língua e trata-se de um equívoco o universo escolar afastar-se desse posicionamento linguístico. Seria muito mais proveitoso se os professores de Língua Portuguesa partissem do uso geral para a norma e não o contrário como ainda ocorre em muitas escolas.

O docente também deveria mostrar que a norma culta não é a única que pode ser validada como legítima representante da língua. Isso, todavia, não significa que “tudo vale pra tudo” (ANTUNES, 2007, p. 99). O melhor caminho seria levar o aluno a compreender que para cada situação de interação verbal vale o modo de falar que é adequado a esse momento. Contudo, isso só é possível quando o educador busca, em seu cotidiano didático-metodológico, uma visão não purista e de flexibilidade diante das questões da língua.

Pautados nessa premissa, buscou-se sanar questionamentos, estimular a participação efetiva dos alunos, sempre interagindo de maneira dinâmica e lúdica, a fim de que lhes fosse atribuído real sentido no dia a dia, além dos muros escolares, por tratar de algo corriqueiro de qualquer usuário que, vez ou outra, encontra-se perdido nesse uso.

É muito importante que os alunos possam experimentar novas formas de aprender. O tradicionalismo na educação faz com que eles apenas decorem conteúdos para provas e atividades orais, mas não internalizem o conteúdo ministrado. Portanto, é essencial que o professor busque atividades atrativas para estimular o envolvimento dos discentes, como propõe o professor Evanildo Nazaré da Silva Santos, em sua obra *Fracasso escolar: do currículo à sala de aula* (2008):

O aprendizado é uma característica humana, é dinâmico e plástico e se diversifica na individualidade dos seres, na especificidade da atividade desenvolvida (na troca com outros seres) e dos instrumentos (recursos) utilizados. Considera-se do contato social e, portanto, o que fundamenta a prática escolar, embora muitas vezes isso seja obstáculo, é a interação entre as pessoas. (SANTOS, 2008, p. 125).

Concluiu-se que a gramática e em específico as questões ortográficas não são dificultosas como vemos os alunos encarar, pois foi possível, por meio de uma forma didática e dinâmica, que os alunos pudessem desenvolver seus conhecimentos acerca dos conteúdos ministrados com eloquência e em atividades divertidas.

4 O trabalho em equipe

Todo o trabalho em equipe realizado pelos alunos participantes do PIBID - tais como, traçar estratégias para tornar as aulas mais interessantes, interagir com os alunos, encontros semanais do grupo, lidar com prazos e planos de aula, ter calma e paciência para lidar com possíveis acontecimentos não esperados, disposição e postura - foi fundamental para o crescimento não só profissional como pessoal.

Essas experiências foram adquiridas, segundo relatos dos participantes, unanimemente durante a iniciação à docência. Embora ocorram poucos encontros entre alunos e futuros docentes, estes foram e seguem sendo de grande auxílio para a formação acadêmica e início da vida profissional. Além disso, o contato entre os alunos e novos professores faz com que o interesse aumente, já que esse encontro desperta a curiosidade e gera ânimo para que haja interação.

O PIBID coloca o futuro professor frente a frente com a realidade profissional, o que muitas vezes só é possibilitado após o término do curso. Por isso que se valida e acredita na importância desse programa para que estudantes em suas determinadas áreas profissionais descubram-se e tenham a primeira impressão na prática como professores.

Essa primeira vivência é fundamental para que o professor possa refletir sobre sua didática e, futuramente, possibilite novas experiências para seus alunos através de uma didática menos tradicional e que se adapte às necessidades de uma educação mais moderna e voltada para o real aprendizado (ALBUQUERQUE, 2006).

O PIBID prepara o docente para trabalhos em equipe, em que a troca de ideias e informação é essencial para que práticas docentes boas sejam, sim, utilizadas e experiências ruins sejam repensadas ou subtraídas dos planos de aula.

5 Reflexão por meio da prática docente

O modelo de professor que se tem de professor é, ainda, muitas vezes, de profissionais tradicionais, impossibilitados de criar, fazer algo dinâmico e útil, com um leque de aulas desinteressantes e pesadas, sem amor e por obrigação.

Os alunos da Educação Básica que participaram do projeto descrito nesse artigo, rotineiramente, expressavam que as aulas eram chatas, cansativas, pouco produtivas. Por meio das aulas, ademais, também foi possível verificar que não são poucos os professores que falam mal de seus alunos, que só veem problemas e não propõem ou buscam soluções.

Na verdade, atualmente, o que um educador sábio faz é alterar as suas estratégias para que a aula não caia na monotonia. Inúmeros professores reclamam que seus discentes utilizam o celular durante a aula, por exemplo. Porém, isso, normalmente, acontece quando estão sendo propostas atividades enfadonhas e repetitivas. Aulas somente expositivas podem ser um desestímulo completo para qualquer aluno. Vários discentes tornam-se desmotivados porque têm aula com professores igualmente desmotivados (ANTUNES, 2010).

Também é interessante comentar que, em um primeiro momento, é muito comum culpar os cursos de formação por essa lamentável realidade. Entretanto, habitualmente, o que se vê na prática é que as mudanças que ocorrem na dinâmica da aula de muitos professores não são fruto de uma apropriação direta de informações transmitidas por meio de cursos, livros ou revistas. Weisser, citado por Albuquerque (2006, p. 15), explica essa realidade dizendo que “os saberes não são o fruto de uma transmissão, mas de uma apropriação e de uma produção; [...] uma reinterpretação de um discurso pedagógico próprio a cada um dos formados”.

Há também um sério problema nos relacionamentos entre os profissionais e os alunos que compõem o âmbito escolar, de uma maneira geral. É possível ver professores e funcionários que, na grande maioria, exigem respeito, querem destaque, porém gritam e humilham, desrespeitam seus alunos, como o ocorrido em uma aula em que o grupo de licenciandos foi bruscamente interrompido por uma funcionária que destratava uma aluna, pedindo-a, grosseiramente, que se retirasse da sala e se encaminhasse à diretoria por conta de problemas na frequência escolar.

Tal situação mostrou a total falta de interesse nos possíveis problemas familiares enfrentados pela aluna em questão, pois esta preferia estar na escola a permanecer em casa - o que, de fato, não é comum.

Esse fato coloca-se contra o que se espera da escola: que seja acolhedora, amiga e preze pela segurança e bem estar de seus alunos:

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina;

masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (FREIRE, 2005, p. 92).

Os professores também se mostram alheios às dificuldades que os alunos talvez enfrentem, não se preocupando com a ausência ou dificuldade de aprendizado deles. No entanto, durante os cursos de licenciatura, a maneira como tratar os discentes é bastante debatida e vista como fundamental para o processo de ensino-aprendizado e para a baixa na evasão escolar.

Por vários momentos na trajetória do curso de Licenciatura em Letras, questionamentos e pensamentos sobre como agir como professores ocorreram. Conforme o andamento do curso e com a chegada do PIBID, viu-se que era possível sonhar, e fazer os sonhos tornarem-se realidade e, melhor ainda, era possível ser um professor de qualidade, um professor apaixonado pelos alunos e pela Educação. Hoje, ministrar aulas tornou-se algo prazeroso, desafiador, enriquecedor e que enche os olhos tanto dos alunos como dos futuros docentes.

Conclusão

Conclui-se a partir das atividades desenvolvidas com o grupo de discentes do 7º ano do Ensino Fundamental II que, lamentavelmente, muitos profissionais atuam com descaso e estão despreparados para a prática docente, porém que muitos outros profissionais, com satisfação e amor, estão capacitados, confiantes e envolvidos com as causas educacionais.

Com sorte, foi possível vivenciar experiências incríveis, conhecer diferentes tipos de profissionais que podem, desde que busquem, melhorar enquanto educadores, mas que, conforme descrito nos parágrafos anteriores deste artigo, não se mostram devidamente empenhados.

O programa, portanto, faz os futuros professores compreenderem que é necessário que o licenciando:

Aprenda a combinar o que é real com o que deseja. Dê o melhor de si em tudo que fizer, para que o resultado reflita seu espírito. E dê o melhor de si a todas as pessoas, para que elas retribuam com muito mais do que você deu. A única maneira de manter um sorriso no rosto é continuar sorrindo, e a única maneira de preservar o amor é dando amor. Chega o momento em que você se encontra entre o mundo egocêntrico, o mundo da criança, e o mundo receptível aos outros, o mundo da maturidade. Nesse momento, você deve se livrar de seus caprichos, suas regras estritas e seu egoísmo, para defender seus princípios mais nobres. Ame a si mesmo e será capaz de amar aos outros. Ame seus sonhos, e você criará para eles um mundo cordial e maravilhoso, cheio de sorrisos e abraços. Este será o mundo onde você desejará viver, e este mundo irá girar em uma órbita multicolorida. Se você de fato acreditar nele, se o construir aos poucos com gestos cotidianos, esse mundo se tornará possível para você. Será a recompensa pelo seu mérito, pois eu nunca vi ninguém desfrutar plenamente uma felicidade não merecida. Só as pessoas que amam de verdade são estrelas. E a luz delas continua a brilhar sobre nós muito tempo depois que elas se forem. (ROEMMERS, 2011, p. 73-74).

De forma geral, portanto, é com muita satisfação que se participa do PIBID, um projeto que a cada dia ensina a pensar a prática docente, a elaborar novas propostas, a solucionar problemas, a criar ferramentas de trabalho, a amar a profissão docente, a ir além dos livros didáticos e, acima de tudo, a compreender profundamente o papel que um professor pode exercer na vida de cada um dos alunos.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. *Mudanças didáticas e pedagógicas no ensino da língua portuguesa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ANTUNES, Celso. *Professores e professores: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 49. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

ROEMMERS, Alejandro Guillermo. *O Retorno do Jovem Príncipe*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

RONCA, Paulo Afonso Caruso. *A aula operatória e a construção do conhecimento*. São Paulo: Edisplan, 1989.

SANTOS, Evanildo Nazaré da Silva. *Fracasso escolar: do currículo à sala de aula*. Brasília, EVG, 2008.

iAutor(es)

i **Agnes Luiza Fracasso da CRUZ, Mestranda em Letras**

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Centro de Comunicação e Letras

agnes_amylee@hotmail.com

ii **Letícia NARDI, Mestranda em Letras**

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Centro de Comunicação e Letras

leticia.tnardi@gmail.com